Seneri Paludo
Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

MAIS EFICIÊNCIA NO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

Por Paulo Roque

ESSE É o grande desafio, segundo Seneri Kernbeis Paludo, de 36 anos de idade, o mais jovem de todos os que já assumiram a Secretaria de Política Agrícola do MAPA. Apesar de ter ocupado o cargo em abril e no último ano de mandato do atual governo, neste ano, deu rumo à solução de alguns sérios problemas do agro brasileiro. É natural de Bauru-SP e graduou-se em Agronomia pela Universidade de Marília (Unimar), em 2001. É pós-graduado em Planejamento e Gestão de Negócios pela Faculdade de Administração e Economia (FAE), do Paraná. Começou como *trainee* no departamento agrícola da BM&F e, durante sua carreira profissional no setor privado, tornou-se referência no mercado agrícola brasileiro, em especial no setor de grãos e pecuária de corte. De 2008 a 2010, foi superintendente do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA), fazendo desta instituição uma referência em dados estatísticos e analíticos da agropecuária mato-grossense. Constantemente, é convidado para participar de fóruns nacionais e internacionais, como o Outlook BM&F, o Fórum Outlook USDA e a Conferência de Óleos Vegetais da Bolsa Dalian Commodity Exchange (DCE). Foi diretor executivo da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (Famato), secretário executivo do Fórum das Entidades do Setor Produtivo do Centro-Oeste (indústria, agricultura e comércio), membro da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Soja do Ministério da Agricultura, membro do Conselho de Desenvolvimento Agrícola do Estado de Mato Grosso (CDA/MT) e conselheiro do Sebrae-MT.

> "AINDA HÁ UM CAMINHO MUITO GRANDE A CAMINHAR QUANDO FALAMOS DE SEGURO RURAL."

AGROANALYSIS Estamos prontos para colher uma safra de 200 milhões de toneladas?

SENERI PALUDO Essa é a meta que temos para o próximo ano-safra (2014/15). Neste ano, talvez, chegue aos números que a Conab aponta, ou seja, por volta de 193 milhões de toneladas. Ainda falta a consolidação dos números referentes ao milho e ao trigo, e, provavelmente, a safra ficará entre 193 e 195 milhões de toneladas. Para o próximo ano, prevemos um aumento da área plantada por volta de 1 milhão de hectares e, consequentemente, um aumento da produtividade, o que nos leva a crer que, provavelmente, atingiremos 200 milhões de toneladas de grãos. Já acolhemos números similares e podemos chegar aos 200 milhões, sem dúvida nenhuma. O nosso grande desafio, sem dúvida, é fazer o escoamento dessa produção da maneira mais rápida possível – não necessariamente mais rápida, mas com mais eficiência. E aí, talvez na próxima safra, já comecemos a cumprir alguns grandes marcos, além dos 200 milhões de toneladas, como proporcionar o escoamento dessa produção principalmente via portos do Arco Norte.



AGROANALYSIS A disponibilidade de crédito rural é uma questão resolvida para o agricultor?

SP Resolvida, não. Em números gerais, a necessidade total do crédito para custeio de uma lavoura gira em torno de R$ 250 bilhões. Neste ano-safra, que começou agora, no dia 1º de julho, temos, para o custeio, R$ 112 bilhões, aproximadamente quase 40% da necessidade total, via crédito oficial. Uma recente pesquisa feita pela OCB (Organização das Cooperati-

vas Brasileiras) junto à Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) mostra que a questão de crédito não é um dos grandes pontos de preocupação para o produtor rural. O nosso grande trabalho é o equacionamento, não só quanto à questão de volume financeiro, mas também quanto à questão das taxas de juros deste volume. Hoje, por exemplo, a maioria das taxas de juros do crédito oficial vem sendo trabalhada no valor de 5,5% ao ano, enquanto, por exemplo, a taxa Selic é de 11% ao ano. Então, a questão do volume financeiro é importante, mas também tem que ser levada em consideração a questão da qualidade dessa taxa de juros. O que procuramos trabalhar agora, e é mais um grande desafio, é que o financiamento chegue no momento em que o produtor precisa desse recurso, principalmente na hora em que ele está fazendo aquisição de grãos ou na hora da comercialização. Um dos trabalhos muito fortes que estamos fazendo é, assim que o programa de crédito for lançado, conseguir que o dinheiro chegue de maneira mais rápida e certa à mão do produtor rural.

Agroanalysis Por que o seguro rural não deslancha?

SP O seguro rural, na nossa percepção, vem aumentando gradativamente ano a ano. Ele ainda é novo no Brasil, não tem dez safras de existência. É uma questão cultural, e precisamos evoluir. O seguro rural cresceu muito nos últimos anos; por exemplo, para este ano-safra, foram aportados mais de R$ 700 milhões. Temos trabalhado muito fortemente no que se refere à qualidade das apólices que são ofertadas para o produtor rural. Fizemos um levantamento interno e constatamos que aproximadamente quase um terço de todas as apólices subvencionadas pelo governo federal são apólices que não trazem a melhor relação custo-benefício para o produtor. Temos que trabalhar para que, nos próximos anos, tenhamos apólices que efetivamente sejam boas do ponto de vista do custo-benefício para o produtor. Quando tivermos isso, a demanda aumentará cada vez mais.

Ainda há um caminho muito grande a caminhar quando falamos de seguro rural. Em qualquer economia agrícola moderna no mundo, existe um programa de seguro rural muito forte, e o programa brasileiro seguirá nesse caminho. Sem dúvida nenhuma, precisamos avançar em grandes pontos. Hoje, quando falamos de política agrícola brasileira, que é baseada no tripé crédito, comercialização e gestão de risco, sem dúvida, o ponto em que precisamos avançar mais é com relação ao gerenciamento de gestão de risco.

> “NOS ÚLTIMOS ANOS, TIVEMOS UMA POLÍTICA PÚBLICA DE CRESCIMENTO DO CRÉDITO OFICIAL MUITO FORTE, MAS, SEM DÚVIDA NENHUMA, É PRECISO TRAZER NOVOS INVESTIDORES PARA O MERCADO AGRÍCOLA; NÃO SÓ NOVOS INVESTIDORES, MAS TAMBÉM NOVAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS, QUE POSSAM REFORÇAR ESTE MERCADO.”

Agroanalysis Garantia de renda mínima é uma prioridade nas políticas públicas?

SP Sem dúvida nenhuma. Quando falamos de política pública, do ponto de vista do MAPA, temos dois grandes focos ou dois grandes objetivos: um deles é garantir renda ao produtor – não falo de renda mínima, mas de garantir renda. O outro é com relação à garantia do abastecimento. Não adianta nada garantir renda ao produtor se tivermos um mercado desabastecido, como também não adianta nada ter um mercado abastecido se não houver renda no campo. O grande ponto, o pulo do gato da política agrícola, é equacionar esses dois pontos.

Agroanalysis Nós precisamos de um planejamento de produção para os próximos anos?

SP Esse planejamento da produção existe, vem sendo feito e, queira ou não, apesar de tudo, temos um Plano Safra, um plano anual. Se olharmos o Plano Safra nos últimos dezoito, vinte anos, percebemos que é um plano que vem sendo estruturado ano a ano, mas com uma linha mestra. Se olharmos para o ponto de gestão da agricultura brasileira, ela tem uma espinha dorsal que ele (o Plano Safra) tem seguido trabalhando e vai seguir trabalhando para os próximos anos.

Agroanalysis O programa de armazenagem está em ritmo satisfatório? Quais são os obstáculos?

SP O Plano de Armazenagem, o PCA, é novo, recente, mas, sem dúvida nenhuma, vem trazendo grandes resultados. Uma prova disso é que a tomada de recursos, por exemplo, no último Plano Safra, já superou até o que foi anunciado, o que mostra que ele está no caminho certo e que existe uma demanda patente para construção de armazenagem no Brasil afora. O programa de incentivo a armazenagem no Brasil foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff em outubro do ano passado e tem vigência de cinco anos. Foram disponibilizados R$ 25 bilhões aos produtores, cooperativas e interessados no setor. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), R$ 3 bilhões foram usados até agora, de um total de R$ 5 bilhões liberados a cada ano. Todos os bancos e instituições financeiras que trabalham com crédito agrícola podem dispor dos recursos. O Banco do Brasil, que tem a maior participação no crédito rural, financiou, até agora, R$ 2 bilhões, e 1,2 mil contratos estão aprovados ou em análise para aprovação.

Agroanalysis Como dar maior credibilidade para a Cédula do Produtor Rural?

SP A Cédula do Produtor Rural (CPR), na verdade, já é um sucesso. De todos os títulos do agronegócio – a chamada "sopa de letrinhas", o TRC (Transporte de Cargas Especiais), a LCA (Letra de Crédito do Agronegócio), o CDA (Certificado de Depósito Agropecuário) –, de todos os programas existentes, sem dúvida nenhuma, a CPR é um programa de sucesso, que vem cumprindo seu papel com o objetivo de alavancar a produção. Tanto é um modelo de sucesso que enviados de outros países, até europeus, vêm ao Brasil para tentar aprender e copiá-lo. O mais importante é garantirmos um ambiente de negócios positivo, para que, além da CPR, tenhamos outros mecanismos operando dentro do crédito rural. Por exemplo, hoje, temos muito poucos fundos de investimento trabalhando no agro. Atrair fundos de investimento para serem financiadores do modelo do agro será, sem dúvida, um dos pontos a ser muito trabalhado para o futuro.

> "ATRAIR FUNDOS DE INVESTIMENTO PARA SEREM FINANCIADORES DO MODELO DO AGRO SERÁ, SEM DÚVIDA, UM DOS PONTOS A SER MUITO TRABALHADO PARA O FUTURO."

Agroanalysis O mercado de títulos do agronegócio segue acanhado em relação ao seu potencial?

SP Eu diria que não é o mercado de títulos. Sem dúvida, o potencial existente é enorme. Não diria especificamente só de títulos do agronegócio, mas um mercado como um todo. Nos últimos anos, tivemos uma política pública de crescimento do crédito oficial muito forte, mas, sem dúvida nenhuma, é preciso trazer novos investidores para o mercado agrícola; não só novos investidores, mas também novas instituições financeiras, que possam reforçar este mercado. Um exemplo disso são os bancos cooperativos que atuam fortemente nas regiões agrícolas. Então, modelos como estes são importantes por trazer recursos para o mercado, e, automaticamente, a entrada de mais recursos gera mais competição e diminuição dos juros.
Em minha opinião, o maior benefício dos bancos cooperativos é gerar desenvolvimento para aquelas localidades do interior do Brasil. As grandes instituições financeiras são muito focadas em alavancar crédito nos grandes centros e, às vezes, por estratégia de questão de mercado, não alavancam recursos nas comunidades locais no interior mais longínquo do País. Então, hoje, existem bancos cooperativos nesse sistema de crédito que trabalham focados nesse tipo de economia regional. É um negócio muito legal, porque, na verdade, esses bancos de crédito cooperativo acabam desenvolvendo a economia regional lá no interior do Mato Grosso, no interior de Goiás ou no interior do Paraná. O produtor cuida das suas atividades no campo, mas, por exemplo, sua esposa é dona de uma farmácia, o filho estuda na escola da região. Então, esse banco serve como um grande impulsionador do interior brasileiro.

Agroanalysis Como você vê o futuro do agro brasileiro e quais os pontos que você acha que deveriam ser mais fortalecidos?

SP Eu sou um entusiasta por natureza. O agro ocupa um lugar de destaque não só na economia nacional, mas também na mundial. O agro brasileiro chegou até aqui por meio de muito esforço e muito trabalho, graças aos esforços tanto públicos, quanto privados. Mas, existem alguns pontos em que temos que avançar muito fortemente. Por exemplo, a questão da infraestrutura logística, porque o que nos trouxe até aqui não é o mesmo fator que vai nos levar daqui para os próximos dez ou vinte anos. Então, precisamos, em alguns pontos, sem dúvida, nos reinventar e, em outros, nos fortalecer, mas, de uma maneira geral, o agro brasileiro está trilhando um caminho de sucesso. ■